

# Eram índios, são colonos. Estão "integrados"

Mário Chimanovitch  
Enviado especial

Mantendo contato intermitente com o branco há mais de 100 anos, os índios Parecis, que hoje habitam uma reserva de terras áridas e de pouca caça, criada na margem direita da movimentada BR-364, estrada que liga Cuiabá a Porto Velho, atingem hoje o clímax do que alguns antropólogos otimistas poderiam classificar como absoluta "integração": pouco a pouco, estão-se transformando em semi-escravos rurais, depois de aliciados por fazendeiros da região que, para contar com mão-de-obra tão pouco onerosa, valem-se de artifícios que incluem o oferecimento de aguardente e noitadas alegres, até a eterna dependência econômica do índio ao "armazém" da propriedade, que chega a vender uma pequena lata de azeite de cozinha por Cr\$ 40,00.

Localizada exatamente na altura do Km. 405 da BR-364, tendo na própria estrada um de seus limites geográficos, a "reserva" Pareci nada mais é do que um miserável aglomerado de malocas e barracos em terras que não se prestam nem mesmo à agricultura de subsistência, sem nada mais que lembre as origens culturais da tribo.

Apesar da vistosa placa colocada à entrada, proibindo o ingresso de estranhos à área indígena, a concentração Pareci é sistematicamente franqueada ao branco que ali, curioso, vem negociar, olhas a beleza de algumas índias, fazendo-lhes convites indecorosos ou então especular sobre qualquer assunto banal.

Pela estrada que liga a capital de Mato Grosso à de Rondonia, transitam diariamente centenas de caminhões levando, principalmente, a carga humana que vai integrar as novas frentes de penetração que vão sendo abertas pela região. Mas é por essa mesma estrada, denominada por alguns como uma "rodovia do progresso", que chegam algumas das principais misérias aos Parecis, tornando-os cada vez mais dependentes dos vícios dos civilizados, motivando inexoravelmente a sua desagregação e consequente destruição como tribo e cultura. Bem em frente ao núcleo principal da "reserva", a pouco mais de 100 metros da concentração indígena, um vistoso posto de gasolina, com bar, dormitórios e restaurante, faz um contraste sensivelmente curioso com a paisagem da região.

Para cada caminhão de carga ou de colonos que por ali passa, os índios são um atrativo em meio a tão estafante

viagem. Sem qualquer cerimônia, o branco viola a intimidade da reserva e sai à caça de colares, arcos e flechas que também, dolorosamente, já em nada lembram os sinais primitivos da arte indígena. Assim, avido pelo dinheiro que lhe possibilitará adquirir bebidas ou outros artigos sem maior utilidade, o índio transformouse num mau artezão.

As terras dos Parecis, efetivadas por decreto federal em outubro de 1968, devem ao "serenista" Peret a sua infeliz localização, isto é, estão concentradas em áreas impróprias para a lavoura, mesmo de subsistência, e ao lado da rodovia. Na área, que tem pouco mais de 100 quilômetros de extensão, espalhados por cerca de 20 pequenas aglutinações, vivem hoje menos de 500 índios, submetidos a significativa taxa de mortalidade infantil, provocada principalmente pela desidratação, tuberculose, malária e gripe; enquanto o reumatismo ataca sistematicamente aos mais velhos, em sua maioria corroidos pela bebida. A reserva é administrada por padres jesuítas, da Missão Anchieta, que mantiveram os primeiros contatos com a tribo por volta de 1935, junto a estação telegráfica de Capanema, montada por Rondon, nas cabeceiras do rio Cravari.

O primeiro contato do homem branco com o Pareci data, certamente, de 1723, quando o aventureiro, bandeirante e explorador paulista Antonio Pires de Campos andou pela região à cata de ouro e outras riquezas. De 1907 a 1911, Rondon aproveitou os Parecis nos trabalhos de instalação das linhas telegráficas que iam lame do rio Papagaio, limite do "habitat" Nhaniquara, inimigo natural do Pareci. A medida de Rondon resultou em muitas mortes entre os segundos, principalmente, que quase sempre se viam envolvidos em sangrentos combates com os guerreiros da outra tribo, ainda arredia, quando na guarda das linhas e instalações telegráficas naquelas áreas.

A partir de 1935, os missionários jesuítas começaram a desenvolver um trabalho de assistência médico-sanitária junto a tribo, sempre em meio a grandes dificuldades, principalmente em razão das exigências dos índios que constantemente cobravam aos religiosos os presentes que se acostumaram a receber de Rondon. Segundo alguns índios mais velhos da tribo, como João Garimpeiro, chefe de uma das aldeias, "Rondon nos dava muitas coisas em nome do governo. Agora os padres dizem sempre que não têm dinheiro para comprar presentes, só nos querem dar remédios e roupas..."

O trabalho missionário tenta ainda criar nos índios um

espírito de motivação e que retornassem às suas antigas tradições culturais, revivendo danças e cerimônias, mas os obstáculos nesse sentido também não eram menores.

O Padre e antropólogo Adalberto Hollanda, que há mais de seis anos vive junto a tribo, tendo inclusive preparado um trabalho — "Questões de Aclimatação" — é hoje, todavia, bastante pessimista em relação ao futuro dos Parecis:

— Vivendo junto a essa tribo — desabafa o missionário — tive que reformular muitos de meus conceitos. Hoje, é a verdade, não acredito que possa haver uma integração efetiva do índio a sociedade branca, principalmente nos termos em que se pretende propor essa absorção. Todo o nosso esforço no sentido de fazer com que o Pareci retornasse às suas origens culturais é simplesmente neutralizado pela proximidade dessa estrada. O contato do Pareci com o chofer de caminhão ou com o colono de passagem, apesar de rápido é constante e extremamente pernicioso para o índio. Este, na realidade, deixa de ser índio e, paradoxalmente, não se integra. Passa a ser um marginal, rejeitado por essa mesma sociedade que o vê como uma espécie de objeto curioso; enfim, um animal em transição de cultura que evoluiu para uma forma estática, estagnada.

O missionário, revoltado com a situação em que se encontra a tribo, afirma ainda que o Pareci "é uma espécie de paria, transformado em pedinte e mau artezão".

— Ora, queremos acabar tão somente com essa situação de paternalismo existente em quase todas as tribos brasileiras. Os Parecis, ao que parece, foram muito mal acostumados, desde Rondon. Por isso mesmo nos exigem que lhes demos presentes. E que presentes são esses? Nada de útil, apenas trapos coloridos e objetos de valor duvidoso. Queríamos que aprimorassem a sua capacidade de produzir objetos artísticos, que os vendessem e adquirissem os artigos de maior necessidade para si. Ficam revoltados ante a nossa negativa de ofertar-lhes bugigangas.

Daniel Otokai, um jovem pareci de 20 anos, o mais escolarizado da tribo, pois completou o ginasio na escola que os jesuítas mantinham em Diamantino, está plenamente consciente da situação por que passa sua tribo:

— A Funai — diz ele, em português absolutamente correto — poderia promover a transferência de nossa reserva para terras melhores e dar-nos condições mais reais de sobrevivência, impedindo que muitos dos nossos venham agora buscar trabalho junto a fazendeiros que os estão explorando.

dança de abril de 1973

10	K. de	apenas	187,00
1	K. de	obras	8,00
5	unidade	Magica de fumo	5,00
1	K. de	chá	8,00
1	K. de	chá	8,00
1	K. de	chá	40,00
4	K. de	sabão	20,00
1/2	K. de	café	42,50
10	K. de	grãos	12,50
2	K. de	Orringa	32,00
4	Barra de	Sabão	20,00
1	K. de	Sal	10,00
1	ml de	fumo	50,00
2	K. de	macarrão	30,00
			919,50

Juca etala deu 500. 4850 mta

Somente 500.4850 mta

At. Tail

Para pagar a conta extorsiva do armazém...



...o índio terá que trabalhar a vida inteira

## Agora os parecis são uma tribo em extinção

Daniel é também o encarregado da cooperativa que os jesuítas montaram na aldeia, antevendo a possibilidade de uma melhor comercialização do artesanato Pareci e impedindo que o branco invada a aldeia para negociar diretamente com o índio, sempre em desvantagem para o segundo:

A criação da cooperativa explica o jovem — de pouco adiantou. Os mais velhos continuam a fazer negócios com os brancos, no interior de suas próprias casas, trocando objetos por cachaça. Os padres têm feito aqui o que é possível para corrigir essas situações. A Funai, todavia, já não aparece por aqui há quase dois anos. Estamos sozinhos. É a verdade.

Padre Adalberto explica por sua vez que os missionários contam com muito poucos recursos e quase nenhum apoio da Funai para evitar as irregularidades:

O problema do aliciamento da mão-de-obra indígena, por exemplo, já foi denunciado à Quinta Delegacia regional da Funai em Cuiabá. Como resposta ao nosso pedido de providências energias, recebemos evasivas e solicitação de relatórios mais detalhados, "pois nenhuma das fazendas possui escritório na capital..." Em ocasião recente surpreendemos mascates tentando vender aguardente nas aldeias. Fornos expulsá-los e recebemos ameaças de morte. As vezes confesso que tenho vontade de esquecer as lições de amor que recebi de meus mestres e superiores e partir para a violência com esse tipo de gente, insensível, somente disposta a auferir lucros fáceis. A situação está aí para quem quiser ver. A Funai deveria ter vindo aqui para investigar e ainda não o fez apesar da gravidade dos problemas denunciados pela Missão Anchieta.

### O ALICIAMENTO

Na sede da fazenda "Cachoeirinha", localizada a cerca de 30 quilômetros da estrada, na margem esquerda, os índios tomam parte nos trabalhos de derrubada e queimada, recebendo apenas Cr\$ 250,00 por alqueire preparado. O alqueire matogrossense mede 48.400 metros quadrados, de modo que os in-

dios, geralmente trabalhando em duplas, levam cerca de um mês para concluir um trabalho pesado, a custo irrisório, na verdade.

Além de serem explorados no salário, os Pareci, para manterem-se a si e as numerosas famílias, adquirem os mantimentos no "armazém" da fazenda, que é de propriedade de empresários paulistas, da região de Ourinhos. Os preços são mais do que extorsivos: o quilo de macarrão, de pessima qualidade, por exemplo, custa Cr\$ 15,00; o quilo de sal Cr\$ 10,00; o de açúcar Cr\$ 16,00 e uma simples e pequena lata de azeite de cozinha Cr\$ 40,00.

Com essa "tabela", os Pareci jamais poderão se libertar do regime de dependência econômica a que estão submetidos. Por mais que trabalhem jamais poderão resgatar o seu débito com o "armazém" e, assim, são um novo tipo de escravo rural, como o peão, que em outras propriedades é submetido também a espancamentos e castigos, até que a fuga cu a mortal "capitalismo".

Apesar da situação, o encarregado de serviço da "Cachoeirinha", Genesio Pereira, que, "prudentemente", afirma, que "esqueceu o nome do patrões", diz que pela primeira vez está-se dando oportunidade de trabalho ao índio e acusa os missionários de tentarem tumultuar "o progresso do país".

— Claro. Os padres não querem que os índios venham trabalhar. Ora, eles são pagos e podem fazer a sua "economia-zinha". Se não aproveitar a mão-de-obra dos índios, vou ter que buscar trabalhadores muito longe, pois aqui não há ninguém disponível.

Apesar de assegurar que os preços do "armazém" são justos, o encarregado é acidentalmente traído pela caderneta de controle das contas, esquecida sobre um moel. Babuciente, ele tenta argumentar que aquelas contas não estão corretas, "pois quem anteriormente fa-

zia a escrita errou nos números". O erro, todavia, repete-se em todas as páginas e em todas as cadernetas que lhe são solicitadas. E já não há como negar que os preços são extorsivos. Ele então, tremulo, alega que os fretes encarecem o custo da mercadoria, mas jura que não vende álcool aos índios, o que também não é verdadeiro, pois muitas contas relacionam "cinzanos e pingas".

Vaqueano, um dos índios Pareci que trabalham na "Cachoeirinha", não se deu conta ainda que está sendo virtualmente explorado em todos os sentidos. E' com desconfiança e mau-humor que ele responde às perguntas do jornalista e afirma que está trabalhando na fazenda para poder comprar as suas coisas, "já que os missionários não querem dar..." Ele ainda não completou um mês de serviço, mas é bem provável que quando isso acontecer ele se contente com as explicações do encarregado, que lhe apresentará uma conta ininteligível e lhe fará mais alguns fornecimentos, de generos ou roupas, "por conta", e aí então, tudo estará certo.

Para aliciar os índios, os gerentes e capatazes das fazendas, segundo os missionários, começaram de início a visitar as aldeias, levando cachaça e até mesmo algumas prostitutas de beira de estrada. Os índios, entusiasmados com a "festa", não quiseram ouvir a prudência dos mais velhos e os conselhos dos missionários e foram-se, criando uma situação nova para algumas famílias. Nem todos levaram suas famílias para os toscos ranchos que construíram nas terras da fazenda. E' Padre Adalberto quem explica:

— As mulheres e crianças passam semanas inteiras abandonadas, sem alimentação, já que não sabem caçar e nem dispõem de armas para tal. Vivem da caridade alheia e, assim, a desagregação vai-se tornando uma realidade impiedosa, destruindo os vínculos não só culturais, como também de família.

### IMPOSTO DE RENDA

Declarações e orientações a Pessoas Físicas e Jurídicas. Defesas e Recursos. Escritório especializado — Adv. e contab. — Av. Ipiranga n.º 345 — 6.º and. — conj. 601 — Fone: 36-3099.